

## O samba de roda na celebração de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira – Bahia

Luzia Gomes FERREIRA<sup>1</sup>  
Joseania Miranda FREITAS<sup>2</sup>

**RESUMO:** No Brasil, a música está presente em quase todas as manifestações culturais de matriz africana, seja de ordem religiosa ou não. Na Bahia, entre os vários ritmos afro-baianos, o *Samba de Roda do Recôncavo* tem um espaço de destaque nesse cenário musical, a ponto de em 2005 ser reconhecido pela UNESCO como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Buscamos analisar a presença dos grupos de Samba de Roda na Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Este trabalho faz parte de um projeto maior, o de Implantação de um novo Setor no Museu Afro-Brasileiro, o *Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira*. No período de 2004 a 2009 foi desenvolvida a pesquisa intitulada “*A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: uma perspectiva museológica e de gênero*”, por considerarmos que no processo de criação e recriação das memórias de matriz africana no Brasil as mulheres foram responsáveis pela manutenção de diversas manifestações culturais. No período colonial tornaram-se líderes religiosas, criaram irmandades secretas, tiveram atuação efetiva nas insurreições escravas e estavam nos campos e cidades trabalhando. Procuramos compreender os vários elementos culturais que compõem a festa dessa Confraria, entre eles está o Samba de Roda.

**PALAVRAS CHAVE:** Gênero. Memória Afro-Brasileira. Música. Patrimônio.

### The samba in the celebration of “Nossa Senhora da Boa Morte” in Cachoeira - Bahia

**ABSTRACT:** In Brazil, the music is present in almost all manifestations of cultural African origin, whether religious or not. In Bahia, between the various rhythms “afro-baianos”, the “*Samba de Roda do Recôncavo*” has a spot of “emphasis” in this music scene, about to be recognized in 2005 by UNESCO as a Work Masterpiece of Oral and Intangible Heritage of Humanity. We analyze the presence of groups of the Samba de Roda at the Feast of the Brotherhood of “Nossa Senhora da Boa Morte”. This work is part of a larger project, the Deployment of a new sector in the Afro-Brazilian Museum, *the Cultural Heritage Afro-Brazilian Sector*. In the period dated from 2004 to 2009 a survey entitled “*The Brotherhood of Nossa Senhora da Boa Morte: a museological perspective and gender*” was developed, because we consider that, in the process of creation and re-creation of African memories, the women in Brazil were responsible for the maintenance of several cultural events. During the colonial period they have become religious leaders, they have created secret brotherhoods, and have acted effectively in the slaves rebellions while working in the fields and cities. We seek to understand the various cultural elements that form the Feast of the Brotherhood, and among them is the “Samba de Roda”.

---

<sup>1</sup> UFPA - Universidade Federal do Pará - Instituto de Ciências da Arte (ICA). Belém, Pará – Brasil. Email: [luziagomes@ufpa.br](mailto:luziagomes@ufpa.br)

<sup>2</sup> UFBA – Universidade Federal da Bahia - Salvador, Bahia – Brasil. E-mail: [joseaniafreitas@yahoo.com.br](mailto:joseaniafreitas@yahoo.com.br)

**KEYWORDS:** Gender. Afro-Brazilian Memory. Music. Heritage.

**A cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano**

O município de Cachoeira localiza-se no Recôncavo baiano a 110 km de Salvador, capital do Estado. Segundo consta nos dados históricos, a cidade foi fundada em 1674, com o nome de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, após intensas batalhas entre portugueses e indígenas que habitavam aquela região, a qual era conhecida como *vale do peruassu*<sup>3</sup>. No final do século XVII, a cidade deixou de ser a Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira e passou a se chamar Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, a segunda do Recôncavo e da Província da Bahia. Somente no ano de 1837, que a Vila foi elevada à categoria de *Cidade da Cachoeira* (BAHIA, 1982, p.29).

A Vila tornou-se uma das mais ricas e populosas da região. Seu apogeu econômico aconteceu entre os séculos XVIII e XIX, devido a sua localização geográfica privilegiada, entre duas regiões economicamente desenvolvidas naquele momento: o Recôncavo e o Sertão (Chapada Diamantina). Datam desse período as imponentes construções arquitetônicas e civis da cidade. Na zona rural da Vila se desenvolveu o cultivo da cana-de-açúcar e do fumo. Também nesse período o açúcar alcançou um alto preço na Europa, descobriu-se ouro em Rio de Contas que circulava no porto de Cachoeira juntamente com os diamantes vindos de Mucugê e Lençóis; destinados à exportação (BAHIA, 1982, p. 29).

Devido ao seu desenvolvimento econômico no período colonial, Cachoeira concentrou um grande número de africanos escravizados. Este tipo de mão-de-obra- foi a base econômica desta cidade, sustentada pelo cultivo da cana-de-açúcar e do fumo. Segundo Viana Filho (apud SANTOS, E., 2003, p.3) “o recôncavo será insaciável no reclamar sempre mais negros”.

Na segunda metade do século XIX, a economia da então Cidade da Cachoeira começou a dar sinais de decadência, por vários acontecimentos, entre eles, a epidemia de cólera que matou 3.000 pessoas em todo o município, e a Guerra do Paraguai (1865-70). A situação econômica voltou a melhorar no final do século XIX e início do XX, com a ascensão do fumo e com as construções da Estrada de Ferro Central da Bahia, da Ponte D. Pedro II e da Hidroelétrica de Bananeiras. Com a crise no setor fumageiro, a qual fez com que Cachoeira perdesse quase um terço da sua população e com a construção da Rodovia Salvador – Feira de Santana, a economia de Cachoeira decaiu novamente e não conseguiu se restabelecer no decorrer do século.

Atualmente a cidade de Cachoeira passa por graves problemas na área da *economia*, entretanto, a cidade continua tendo *notabilidade nacional e internacional*. Cachoeira foi tombada

---

<sup>3</sup> Palavra de origem indígena que significa “Grande Rio”, de onde deriva a palavra Paraguaçu.

como *Cidade Monumento Nacional* pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, por possuir um considerável acervo arquitetônico dos séculos XVIII e XIX, e que, portanto inscreve-se na perspectiva de valorização dos *bens de pedra e cal*; ou seja, durante décadas as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural no Brasil contemplaram as edificações imponentes das chamadas “cidades históricas ou centros históricos”, edificações essas que são símbolos representativos da classe hegemônica da época. No entanto, Cachoeira possui outros patrimônios, a exemplo dos Terreiros de Candomblé, da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, e o Samba de Roda que podem ser interpretados como patrimônios afro-brasileiros.

### **A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte**

Segundo a documentação existente, a mais antiga Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte provavelmente foi criada no início do século XIX na cidade de Salvador, existindo até um pouco depois da abolição. Há possibilidades de esta ter estabelecido relações com a Irmandade atualmente em funcionamento na cidade de Cachoeira. Porém, não foram encontrados documentos que comprovem esta ligação.

A Irmandade, no século XIX, destacou-se perante as outras por ser composta, majoritariamente, por mulheres negras ligadas aos Terreiros de Candomblé, em um período no qual a maioria das irmandades católicas era constituída majoritariamente por homens. De acordo com os dados históricos, as fundadoras da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte também teriam participado da criação de um dos Terreiros de Candomblé, de *nação ketu*, mais antigos da cidade de Salvador: o *Iyá Omi Axé Ayá Intilá* – mais conhecido como *Casa Branca*. Com base nos dados coletados pelo Projeto de Pesquisa *Irmandade da Boa Morte: uma perspectiva Museológica e de Gênero* (2004-2009/CNPq/Museu Afro-Brasileiro/Centro de Estudos Afro-Orientais-CEAO/Universidade Federal da Bahia-UFBA)<sup>4</sup>, ser negra e adepta do Candomblé ainda são pré-requisitos para que uma mulher se torne membro da Irmandade. Atualmente a faixa etária das irmãs varia de 45 a 100 anos. A sede está localizada na Rua 13 de Maio, onde ocupa três casarões<sup>5</sup> construídos no século XVIII, na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano.

---

<sup>4</sup> Cf. FREITAS, 2004-2009.

<sup>5</sup>O primeiro casarão é usado como salão de recepção e exposição, onde as irmãs recebem o público visitante, expõem algumas fotografias da Irmandade, um manequim vestido com a roupa de beca e uma imagem de Nossa Senhora, ambas expostas em vitrines. Há também uma escada que dá acesso ao salão de festa. O segundo casarão é utilizado como capela, onde são celebradas as missas das festividades; esse espaço não fica constantemente aberto a visitação pública. No terceiro casarão encontram-se a cozinha, uma sala para refeições, os dormitórios privativos das irmãs e os banheiros para visitantes na área externa.

Nascimento e Isidoro (1988) afirmam que a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, quando funcionou em Salvador, realizou suas procissões juntamente com a Irmandade do Senhor dos Martírios da Baixa dos Sapateiros, ou das Portas do Carmo, que também era uma Irmandade Católica Negra. Após certo período (não especificado pelos autores), a Irmandade da Boa Morte transferiu suas cerimônias para a Igreja da Barroquinha, criando autonomia e se legitimando como uma Confraria organizada, composta e presidida por mulheres negras. Os referidos autores também relatam que não se conhece o Termo de Compromisso e nem o Estatuto de Fundação da Irmandade.

As irmandades negras foram um espaço de grande relevância para organização dos negros no período colonial e imperial, como explica Armando Castro (2006, p.43):

[...] o surgimento das irmandades negras no Brasil escravocrata setecentista aparece como um grande acontecimento que proporciona ao africano e seus descendentes um espaço de significativa autonomia. Além disso, em muitos casos, era possível conseguir produzir quantias financeiras que resultassem em alforrias. Nos séculos XVIII e XIX, muitos dos negros libertos chegaram a ser membros de mais de uma irmandade. A documentação e a historiografia indicam alguns casos de participação em até oito associações.

Supõe-se que a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte que funcionava em Salvador transferiu-se para a cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano, ainda no século XIX. Há contradições acerca dessa transferência. De acordo com Nascimento e Isidoro (1988, p.21), um dos motivos para que essa transferência tenha ocorrido foi a "[...] facilidade de comunicação entre Salvador e Cachoeira, com a implantação em 1817 da navegação a vapor [...]". Segundo outros autores, a transferência teria se dado por conta das repressões às organizações de negros após as insurreições ocorridas no século XIX na cidade de Salvador, das quais se destaca a Revolta dos Malês. Em Cachoeira, a Irmandade se estabeleceu na *Casa Estrela* que ainda hoje é localizada na Rua Ana Néri. Nascimento e Isidoro relatam os seguintes aspectos sobre essa casa:

[...] vamos notar que da Casa Estrela<sup>6</sup> é que vai refletir quase tudo da vida social do negro na área urbana, comercial e aristocrática de Cachoeira. E muito mais importante ainda porque dali é que vai tramitar a organização do primeiro Candomblé: pelo menos o que se pode assegurar, de Cachoeira, é que das “rumbonas” desse candomblé boa parte formou e foi associada a Irmandade da Boa Morte. (ISIDORO; NASCIMENTO, 1988, p. 22).

---

<sup>6</sup> A referida Casa recebe este nome por possuir uma estrela na calçada, onde se acredita haver um assentamento do Orixá Exu. A Casa Estrela faz parte do imaginário afro-religioso do *Povo de Santo* de Cachoeira, e é considerada um local sagrado por se afirmar que nesta casa foi formado o primeiro Terreiro de Candomblé no espaço urbano da cidade.

Durante as suas celebrações no mês de agosto fica perceptível que a Irmandade estabelece uma relação direta entre Catolicismo e Candomblé, tornando a festa atraente aos olhos do público. Os dias oficiais da Festa da Boa Morte são 13, 14 e 15 de agosto; nesses dias as irmãs reverenciam a Maria (Nossa Senhora da Glória ou simplesmente Nossa Senhora da Boa Morte). Durante a pesquisa constatamos que a Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte proporciona uma visibilidade, no cenário nacional e internacional, para a cidade de Cachoeira, atraindo turistas brasileiros e estrangeiros. Nos festejos as irmãs celebram a *Dormição e a Assunção* de Maria com procissões noturnas e diurnas. Vestidas com trajes e adornos usados nos Terreiros de Candomblé, as irmãs da Boa Morte fazem a adoração a uma *Santa Católica*. Além da roupa, existe também a culinária; durante os dias de festa são ofertadas iguarias que também remetem às comidas de Santo<sup>7</sup>, sendo oferecidas seguindo os preceitos do Candomblé e o Samba de Roda.

### **O Samba de Roda na festa da Irmandade da Boa Morte**

O *samba de roda* pode ser compreendido como uma manifestação cultural na qual são vivenciados valores como a solidariedade, a fraternidade e o pertencimento que vão contribuir para a construção, reconstrução e afirmação das identidades dos afro-descentes na cidade de Cachoeira. Pela via do “dom do discurso”, explorando as diversas linguagens que lhes são acessíveis, ainda que muitos deles não dominem a escrita, conseguem imprimir suas marcas identitárias nas suas canções, falando da afetividade, dores, amores, críticas, angústias e fé.

De acordo com Nei Lopes (2010):

O samba entre quiocos (chokwe) de Angola, é verbo que significa “cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito”. Entre os bacongos, angolanos e congueses o vocábulo designa ‘uma espécie de dança que um dançarino bate contra o peito do outro’. E essas duas formas se originam na raiz multilinguística semba, rejeitar, separar que deu origem quimbundo di-semba, umbigada – elemento coreográfico fundamental do samba rural, em seu amplo leque de variantes, que inclui, entre outras formas, batuque, baiano, como, calango, lundu, jongo, etc [...]. Buscando comprovar essa origem africana do samba – nome que define, então, várias danças brasileiras e a música que acompanha cada uma delas -, veremos que o termo foi corrente também no Prata como samba ou semba, para designar o candombe, gênero de música e dança de negros bantos daquela região [...]. Responsáveis pela introdução, no continente americano, de múltiplos instrumentos musicais, como a cuíca ou puíta, o berimbau, o ganzá e o reco-reco, bem como pela criação de maior parte dos folguedos de rua até hoje brincados nas Américas e no Caribe, foram certamente africanos

---

<sup>7</sup> Oferendas realizadas para os Orixás.

do grande grupo etnolinguístico banto que legaram à música brasileira as bases do samba e grande variedade de manifestações que lhe são afins.

Para Cortes (2002, p.2), a presença dos povos de língua banto na Bahia foi predominante até meados do século XVIII:

No início dos seiscentos, Angola passou a ser o principal fornecedor de escravos aos portugueses, liderando o tráfico na África Centro-Meridional por mais três séculos. Até meados do século XVIII predominaram na Bahia os africanos pertencentes às nações de língua banto, que apesar de pertencerem a centenas de grupos étnicos aparentados, seriam aqui agrupados em torno de nomes muito imprecisos, tais como Congos, Angolas, Cabinda e Benguelas. Devido ao quase dois século de franco domínio dos bantofones em Salvador e no Recôncavo, é inegável existir na Bahia um forte substrato cultural destes grupos que pode ser identificado na língua que falamos, nos ritos religiosos ainda existentes, na conformação física de nossa população.

Conforme o Dossiê de Candidatura do Samba de Roda do Recôncavo Baiano para Terceira Proclamação das obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade (2004, p.14-15) da UNESCO:

O samba de roda, desde os antigos relatos, traz como suporte determinante tradições culturais transmitidas por africanos escravizados no Estado da Bahia. Essas tradições se mesclaram de maneira singular a traços culturais trazidos pelos portugueses [...] Esta mescla, assim como outras mais recentes, não exclui o fato de que o samba de roda foi e é essencialmente uma forma de expressão de brasileiros afro-descendentes, que se reconhecem como tais.

Os grupos do samba de roda existentes em Cachoeira, geralmente, são formados por afro-descendentes que moram em área periférica e no seu dia-a-dia possuem outras atividades econômicas para sua sustentabilidade e das suas famílias. Nas letras do samba de roda de Cachoeira é retratado o *cotidiano* de pessoas simples, a música se torna um meio para que elas possam expressar-se. Glissant (apud GILROY, 2001, p.162), fala o seguinte sobre a música negra: “Não é nada novo declarar que para nós a música, o gesto e a dança são formas de comunicação, com a mesma importância que o dom do discurso”.

As canções abordam diversos temas, no entanto, a *relação homem-mulher* é um dos mais recorrentes. As mulheres dão um toque e um charme todo especial ao samba de roda. São elas que batem as palmas ou as tabuinhas (taubinhas)<sup>8</sup>, que geralmente saem na roda para sambar e respondem às cantigas do samba de roda. Raul Lody destaca a participação à representação feminina no samba de roda e nos Terreiros de Candomblé de Cachoeira:

---

<sup>8</sup> É a forma como as mulheres do samba de roda chamam as *tabuinhas*.

O samba da Cachoeira, da heróica Nossa Senhora do Porto da Cachoeira, Recôncavo da Bahia, é primordialmente feminino. Há uma força feminina na cultura cachoeirana. As mulheres assumem os terreiros. Famosos terreiros de Nagô, de Angola, de Caboclo, do Jêje, Jêje Mahi. (LODY, 1995, p.169).

Em Cachoeira, quem toca nos grupos de *samba de roda* são os homens, mesmo quando este é organizado por uma mulher, como é o caso do Samba da Suerdiek, o qual tem D. Dalva Damiana de Freitas como fundadora e organizadora. Supõe-se que o fato das mulheres não tocarem está relacionado com a ligação que há entre o *samba de roda* e o *Candomblé*. Nos Terreiros de Candomblé de Cachoeira, as mulheres também não tocam. Homens e mulheres possuem papéis diferenciados nas rodas de samba. Ainda que os homens toquem, as mulheres conseguem de forma sutil se projetar no samba de roda, conquistando uma visibilidade maior aos olhos dos espectadores.

### **A presença do Samba de Roda na Festa da Irmandade**

As *rodas de samba* estão presentes em diferentes festas religiosas de Cachoeira, como: São João, Festa D'Ajuda, Carurus de São Cosme e São Damião, Festas de Caboclo nos Terreiros de Candomblé e na Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Na festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte o *samba de roda* não pode ser compreendido simplesmente como a parte profana da festa, mas sim como um elemento fundamental desta, um símbolo de celebração. Raul Lody (1995, p.170), afirma que: “Aí se verificam as estruturas sociais e culturais do samba-de-roda, que têm nas danças um sentido de comemoração, comunicação e manifestação de sentimentos e conhecimentos, reforçando laços sociais, morais e éticos”. Percebe-se também nessa forma de celebração uma dinâmica continuidade que se transformou ao longo dos tempos. João Reis apresenta como a festa era vivida pelos escravizados:

A festa foi vivida pelos escravos baianos com diversos fins, sentidos e resultados. Era uma oportunidade para a celebração de valores culturais trazidos pelos africanos e de outros aqui adquiridos. Servia para preencher as poucas horas de folga ou para acolher os que fugiam das horas de trabalho. A partir e em torno dela, muita coisa se tornava possível: rituais de identidade étnica, reunião solidária de escravos e libertos, competição e conflito entre os festeiros, ensaios para levantes contra os brancos. (REIS, 2002, p.101).

Durante a festa da Irmandade o *samba de roda* geralmente acontece após a Procissão da Assunção de Nossa Senhora, ou seja, no terceiro dia da festa. Depois da procissão, as irmãs

tiram à *beca*<sup>9</sup> e vestem-se com a denominada roupa de baiana que é composta pelas seguintes peças:

1. Bata branca;
2. Camisu de crioula;
3. Saia colorida: A saia de tecido colorido, comprida à altura do tornozelo, com várias anáguas para a armação por baixo. Estas saias são adornadas com fitas e bicos;
4. Turbante;
5. Pano da costa sobre os ombros;
6. Colares e pulseiras;
7. Xagrin.

As irmãs sambam antes dos expectadores, há que se respeitar esta hierarquia para que o samba se realize dentro da sede da Irmandade. Caso tenha falecido alguma irmã ou alguma personalidade que elas considerem importante, não há samba na sede, somente nas ruas e praças da cidade. Vale ressaltar que este traje possui *particularidades* que o *difere* daquele usado pelas *baianas do “Centro Histórico de Salvador”*, por exemplo.

É possível constatar que o *Candomblé* e o *samba de roda*, na cidade de Cachoeira estão interligados. A maioria dos integrantes dos grupos, direta ou indiretamente tem ligação com algum Terreiro da cidade. A manutenção do samba de roda de Cachoeira também passa por esses templos religiosos. Muitos dos *sambas* que são cantados e tocados pelos grupos são os mesmos das Festas de Caboclo<sup>10</sup> que acontecem nos Terreiros.

Para as pessoas que praticam o *samba de roda* em Cachoeira, o fato de se apresentarem, na festa da Irmandade da Boa Morte, ultrapassa o profano. Para os integrantes e defensores, do *samba de roda*, as apresentações têm outros significados, que transcendem à musicalidade. Muniz Sodré (1979, p.9) afirma que: “O samba é coisa diferente. Quanto ao seu aspecto de resistência, não há lugar para dúvidas, basta saber ‘ler’ ou escutar a história da música negra.”

### **Considerações finais**

Considera-se que o título *de patrimônio oral e imaterial da humanidade*, concedido pela UNESCO ao Samba de Roda do Recôncavo Baiano, em novembro de 2005, foi de suma importância no sentido de reconhecer e legitimar uma manifestação cultural de grupos sociais que

---

<sup>9</sup> Ver Lody (2003).

<sup>10</sup> Sobre Candomblé de Caboclo ver: Jocélio Teles dos Santos (1995).

historicamente estiveram à margem na sociedade brasileira. Contudo, faz-se necessário não perder de vista que esses coletivos humanos sempre buscaram seus próprios mecanismos para manutenção de suas manifestações culturais, ainda que dentro de uma dinâmica e constante transformação sociocultural.

Os homens e mulheres que praticam o *samba de roda* em Cachoeira sabem negociar com os instrumentos que a sociedade contemporânea lhes oferece, mesmo que a *oralidade* ainda seja uma das principais formas de transmissão do conhecimento dessa manifestação cultural. No momento em que registram seus sambas em mídias eletrônicas, por exemplo, estão dialogando com ferramentas contemporâneas de registro.

No plano das políticas culturais, não se pode negar a histórica exclusão e marginalização vivida pelos grupos da diáspora africana nas Américas – incluindo os atuais deslocamentos humanos de africanos e afro-descendentes. Neste sentido, as distinções de patrimônio cultural não podem se afastar do caminho de construção de *políticas afirmativas* que visam criar oportunidades concretas de acesso às garantias básicas de sobrevivência – que ultrapassam as políticas de cunho meramente cultural ou turístico, em resposta à desigualdade social, que no caso das sociedades latino-americanas passa, necessariamente, pelas questões étnico-raciais.

Enfim, é importante compreender que o *samba de roda* de Cachoeira, *ao mesmo tempo em que é antigo, é contemporâneo, contudo está longe de ser velho*. Afinal de contas, como se canta em Cachoeira: “Capela D’Ajuda, já deu sinal, quem quiser sambar, apareça!”

## Referências

BAHIA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico. **Inventário de proteção do acervo cultural:** monumentos e sítios históricos: II parte. Salvador: Secretaria de Indústria e Comércio, 1982.

CASTRO, A. A. C. de. **Irmãos de fé:** tradição e turismo no Recôncavo Baiano. Rio de Janeiro: E-papers. 2006.

CORTES, M. I. **Tradição e oralidade:** a Bahia como espaço de recriação da memória africana. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA), 2002. Palestra proferida no dia 20 de novembro de 2002. Mimeografado.

DOSSIÊ de Candidatura do Samba de Rosa do Recôncavo Baiano para a Terceira Proclamação das Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Brasília: UNESCO, 2004.

FREITAS, J. M. (Coord.). **Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte**: uma perspectiva museológica e de gênero. Projeto de Pesquisa -CNPq/Museu Afro-Brasileiro/CEAO/UFBA, 2004-2009.

GILROY, P. Jóias trazidas da servidão: música negra e política de autenticidade. In: \_\_\_\_\_. **Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001. p.157-221.

LODY, R. **O povo do santo, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos**. Rio de Janeiro: Pallas. 1995.

LODY, R. **Dicionário de arte sacra e técnicas afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LOPES, N. **A presença africana na música popular brasileira**. Disponível em: <http://ciranda.net/brasil/ciranda-afro/article/africa-berco-do-samba-i>. Acesso em: 30 set. 2010. Não paginado.

NASCIMENTO, L. C. D. do; ISIDORO, C. **Boa Morte em Cachoeira**. Cachoeira: Arembepe, 1988.

REIS, J. J. Tambores e tremores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: CUNHA, M. C. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Edunicamp, 2002. p.101-155.

SANTOS, E. F. dos. **Etnia**: comunicação interativa. Cachoeira: Comissão pró-cotas em Cachoeira, 2003.

SANTOS, J. T. dos. **O dono da terra**: o caboclo no Candomblé da Bahia. Salvador: SarahLetras, 1995.

SODRÉ, M. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.